

DOI: 10.20911/21799024v15n2p37/2024

O novo paradigma filosófico/teológico de Rosenzweig

The new philosophical/theological paradigm of Rosenzweig

Patrícia Lucchesi Barbosa¹

Resumo: O filósofo judeu alemão Franz Rosenzweig escreveu em 1921, no contexto da Primeira Guerra Mundial, o importante livro “A Estrela da Redenção” no qual propõe que toda a história da filosofia, de Jônia à Iena, ou seja, de Tales à Hegel, comunga do mesmo paradigma da busca da totalidade. Ele traz uma audaciosa proposta de quebra e superação da noção do uno originário para a noção de multiplicidade originária. A categoria primordial que utiliza para propor esse novo paradigma é a da experiência, o que nos remete à influência do método judaico de compreensão das escrituras. Neste artigo nos propomos a apresentar e analisar os efeitos profundos dessa proposta para o pensamento teológico contemporâneo.

Palavras-chave: Multiplicidade originária. Experiência. Novo paradigma.

Abstract: The German-Jewish philosopher Franz Rosenzweig wrote the important book *The Star of Redemption* in 1921, within the context of World War I, in which he argues that the entire history of philosophy, from Ionia to Iena—that

¹ Doutora e mestre em Filosofia Antiga (UFMG). Artigo apresentado na disciplina *O personalismo Dialógico*, ministrada pelo professor Luiz Sureki, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE) no segundo semestre de 2024. Email: lucchesi.patricia@yahoo.com.br.

is, from Tales to Hegel—shares the same paradigm in the search for totality. He presents a bold proposal to break and overcome the notion of the original “One” in favor of the notion of an original multiplicity. The primary category he uses to propose this new paradigm is that of *experience*, which refers us to the influence of the Jewish method of understanding the scriptures. In this article, we aim to present and analyze the profound effects of this proposal on contemporary theological thought.

Keywords: Original multiplicity. Experience. New paradigm.

Introdução

A Guerra exerceu uma influência forte em Franz Rosenzweig, que escreveu a maior parte de sua obra enquanto servia como soldado na Sérvia e na Macedônia. Rosenzweig foi convocado em 1916, serviu no exército alemão durante a Primeira Guerra e passou parte de seu serviço militar na Frente dos Bálcãs. Embora não estivesse diretamente envolvido em combates nas batalhas mais conhecidas da Guerra, Rosenzweig utilizou o tempo em que estava no front para refletir sobre questões filosóficas e teológicas profundas. Grande parte de *A Estrela da Redenção* foi escrita durante os intervalos de suas funções militares, em meio às tensões e incertezas da guerra, inclusive partes de sua obra foram retiradas dos postais que ele escrevia no front para sua família.

Certamente os sinais do totalitarismo que já se anunciavam foram percebidos pela inteligência aguda do filósofo que se afastou dos grandes sistemas modernos totalizantes para focalizar no ser humano na sua singularidade. Rosenzweig rejeita uma visão hegemônica da filosofia como busca pela totalidade e unificação, e traz a ideia da multiplicidade originária. Para o filósofo, a multiplicidade e a pluralidade são essenciais para uma ética que respeita a singularidade do ser humano.

Segundo Oneide Perius (2020, p.256) esse novo pensamento, “além de promover um profundo diálogo com a tradição filosófica e suas categorias, pretende apresentar uma realidade renovada, uma realidade outra, adequada à filosofia que reeducou seu olhar”. O livro é uma resposta crítica às correntes dominantes da filosofia idealista de sua época, especialmente a de Hegel, e uma reconsideração do papel da religião e da teologia no contexto filosófico.

A “estrela da redenção”, que dá título ao livro, é um símbolo que reflete a estrutura triádica da obra: Deus, Mundo e Homem; Criação, Revelação e Redenção. As três partes da estrela, formada por dois triângulos invertidos, interagem e se conectam, simbolizando o entrelaçamento desses elementos na jornada espiritual e histórica do ser humano.

A originalidade e a profunda consternação representada pelos horrores da Guerra fazem da obra do filósofo uma leitura imprescindível em nossa contem-

poraneidade, que ainda vive sob os escombros das ininterruptas guerras, em uma lógica fragmentada que visa uma unidade utópica jamais experimentada na prática.

1. A quebra de paradigma

O filósofo da ciência Thomas Kuhn (1998, p.13) utiliza a noção aristotélica de paradigma, no âmbito da produção de conhecimento, quando um conjunto de concepções universalmente reconhecidas fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade. Segundo Kuhn (1998, p.38), “para ser aceita como paradigma uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada”. Ainda que o contexto do nosso autor não trate da ciência, utilizamos a noção de quebra de paradigma, no sentido que Kuhn aponta, pois consideramos pertinente apontar para a radicalidade do pensamento de Rosenzweig. Vejamos antes a etimologia do termo paradigma no Chantraine (1983, p.257):

Paradigma surge num campo da língua antiga que se liga a *deiknumi*, cujo sentido é “mostrar”, “demonstrar”, “indicar”. Quando acrescido da partícula “para”, significa “mostrar, fornecer um modelo”. A raiz *deik-*, por sua vez, refere-se ao ato de “mostrar mediante a palavra”, mostrar “o que deve ser”, donde a consequência de união com *dike* a lei, a regra.

Podemos constatar que a origem do termo está intimamente ligada à retórica, desde Aristóteles, no sentido de buscar um convencimento de uma audiência e não necessariamente a relação com uma verdade incontestável, mas de um modelo ou exemplo eloquente. Kuhn usa o termo para descrever o conjunto de práticas, normas e suposições compartilhadas por uma dada comunidade em determinado período. Um paradigma é, de maneira geral, um modelo amplamente aceito que guia a prática em uma área específica. Com o tempo, anomalias surgem — fenômenos que o paradigma dominante não consegue explicar. Se essas anomalias se acumulam e provocam crises, os fundamentos do paradigma são questionados (Kuhn, 1998, p.158-161).

A noção de paradigma desde a Antiguidade até os dias de hoje fornece os fundamentos para as disposições éticas e abstratas que herdamos, e que tendem a se conservar. Segundo Kuhn (1998, p.24), o sucesso de um empreendimento conceitual deriva da disposição da comunidade para defender um pressuposto, que tende a se tornar hegemônico, suprimindo por algum tempo a ruptura. É natural que haja uma tendência a preservar um paradigma, afinal, como nos diz Kuhn (1998, p.35): “a história sugere que a estrada para um consenso estável na pesquisa é extraordinariamente árdua”.

Sendo assim, uma determinada comunidade que partilha de um paradigma não tem como objetivo trazer à tona novas perspectivas; ao contrário, aquelas que não se ajustam aos limites do paradigma proposto frequentemente nem são reconhecidas. Os filósofos também não estão constantemente procurando

inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas teorias que contradizem os fundamentos já fornecidos pelo paradigma vigente.

Contudo, situações extremas de crise do pensamento – e nada como uma guerra mundial para caracterizar isto –, podem levar a uma condição propícia à novidade e a consequente mudança de paradigma. Rosenzweig desafia a ideia de que a razão pode capturar a totalidade da realidade, e este era, segundo ele, o paradigma dominante na filosofia desde os pré-socráticos a Hegel. Para Rosenzweig, a filosofia idealista ou racionalista ignora a importância da experiência individual e do particular, especialmente no que se refere à experiência religiosa, a qual pressupõe uma relação dialogal, portanto, circunscrita ao plano da pessoa-lidade. A quebra de paradigma que ele propõe produz repercussões importantes do ponto de vista da ética e da experiência prática, como abordaremos a seguir.

2. O triângulo e a estrela

Rosenzweig propõe uma nova geometria simbólica para o entendimento de nossa relação com Deus e o mundo, não mais a esfera de Parmênides, mas a estrela de seis pontas, que é resultado da junção de dois triângulos equiláteros. O triângulo ascendente é formado pela relação entre Deus, o homem e o mundo, uma multiplicidade irreduzível e originária. O triângulo descendente traz, em um dos lados, a relação de Deus com o mundo, a criação; a de Deus com o homem, a revelação, e a do mundo com os homens, a redenção.

Para Rosenzweig, a tentativa de reduzir o infinito ao pensamento humano é uma forma de arrogância filosófica, e o verdadeiro caminho para a redenção não pode ser apenas racional. O que leva à redenção é a revelação e o amor, que partem da experiência vivencial e pessoal do encontro com Deus, experiência esta que não pode ser deduzida filosoficamente.

O ponto culminante da relação do homem com Deus é o amor revelado, elã que une e atravessa todas as linhas dos triângulos. A relação duplamente trinitária, expressa por meio da estrela, simboliza o entrelaçamento das três categorias fundamentais, Deus, mundo e o homem, na jornada espiritual e histórica que compartilhamos como humanos, mas que é, ao mesmo tempo, única e singular.

Para o filósofo, não é possível compreender a relação entre fé e razão negando a experiência humana no mundo. Janilce Praseres (2024, p.171) esclarece assim a posição de Rosenzweig:

O pensamento dialógico proposto inicialmente por Rosenzweig busca romper com uma totalidade de ser e nada, em uma denúncia da tradição filosófica que não considera a singularidade irreduzível do eu, que se encontra entre o ser e o nada. Para tanto estabelece uma reflexão acerca do eu individual explorado na angústia da morte; o mundo, o qual o eu se contrapõe.

A autora enfatiza que a noção de Deus para Rosenzweig não é propriamente metafísica pois, para ele, Deus tem uma natureza que não pode ser definida em um conceito submetido à um sistema totalizante; a relação humana com Ele se dá na experiência subjetiva da revelação. Deste modo, o filósofo refuta a ideia de um todo como substância que seria fundamento ontológico do real.

A história, para o filósofo judeu, não é algo a ser contemplado, mas colocado em prática (HENRIQUES, 2017, p. 15). Essa visão leva a uma ética que valoriza a singularidade de cada momento e cada ação moral, em vez de tentar subsumi-los sob regras ou normas universais. Ele rejeita a ideia de uma moralidade abstrata imposta por sistemas filosóficos e argumenta que o sentido ético emerge do encontro com o outro ser humano, especialmente na experiência do amor e da alteridade. Nesse sentido, a ética é profundamente relacional, exigindo uma resposta pessoal e direta a cada situação concreta.

3. Judaísmo como método

Rosenzweig enfatiza a categoria da relação para tratar da sua teologia trinitária. Para ele, a própria revelação é relação com Deus, ou do contrário não seria revelação. Trata-se de uma aproximação necessária com a experiência de Deus, em diálogo com o outro e com o mundo real, concreto, tangível. Tal ênfase na perspectiva existencial e relacional pode ser considerada como uma aplicação do judaísmo como método em sua teologia.

O homem se sabe criado, e entra em relação com o Criador ao se perceber na condição de criatura. O mundo é igualmente criado, mas a relação já é pressuposta desde o início, portanto não cabe a pergunta sobre o que ou quem veio antes. Conforme nos esclarece Oneide Perius (2020, p.257): “Deus, Mundo e Homem, os três vértices do triângulo, só podem ser tematizados a partir da relação que os constitui. Nenhum desses elementos é mais antigo que o outro. Na origem, portanto, está a multiplicidade irreduzível”.

Para o pensador, é preciso que o dinamismo da imprevisibilidade, próprio da vida, tome o lugar das certezas totalizantes que podem aniquilar um dos polos da relação, em um círculo fechado de autodeterminações. Rosenzweig, influenciado pelo pensamento judaico e existencial, vê a responsabilidade não como um dever universal, mas como uma resposta imediata e singular à presença do outro. Esse aspecto foi também um precursor do pensamento ético de Emmanuel Lévinas, que igualmente enfatizou a ética como responsabilidade infinita diante do rosto do outro.

De modo sintético podemos dizer que três eixos marcaram as tendências filosóficas no ocidente: a cosmocêntrica dos antigos, a teocêntrica dos medievos e a antropocêntrica dos modernos. Rosenzweig estabelece, com seu método, uma coexistência desses três aspectos, em um contexto de interação contínua: cosmos/Deus/homem; de tal modo que a multiplicidade é constitutiva da realidade como tal. O filósofo contesta veementemente a supremacia do pensamento, especialmente quanto à suposição de que este poderia delinear a origem,

ou seja, não é possível estabelecer uma genealogia. Vejamos o que nos aponta Oneide Perius (2020, p.265):

A multiplicidade, no caso específico da obra do filósofo de Kassel, não é aquela, simplesmente, de um registro numérico infinito de elementos e figuras. Antes disso, é a inscrição de uma abertura fundamental e de uma potência diferidora na própria realidade de cada um desses elementos. O que está em jogo, fundamentalmente, é romper com a clausura do mundo mítico, onde a Deus se prescreve uma lógica e um espaço de ação, ao mundo se impõe uma natureza estática e arquetípica que não pode senão se repetir e, ao humano, se limita com uma essência que precisa se realizar. Ao contrário disso, segundo Rosenzweig, o mundo da experiência, no qual estamos desde sempre imersos, e de onde emergem o pensamento, a linguagem, os elementos e as ações, é o mundo do múltiplo, o mundo sob o registro do devir e o devir inscrito em cada um de seus elementos.

O método de Rosenzweig é narrativo, e não estabelece categorias ontológicas estanques, tampouco lida com essência, identidade e substância. Para ele, não é o pensamento que constitui a multiplicidade, mas a multiplicidade que é constitutiva do pensamento. A realidade não tem um estatuto ontológico fossilizado de ser, ela continua sendo, não há identidade subjacente, mas o verbo, a relação.

O judaísmo é essencialmente uma religião da revelação contínua, onde a relação com Deus é imediata e pessoal e tal influência é patente no pensamento do filósofo. Diferente de tradições filosóficas que buscam a verdade por meio de raciocínios abstratos ou especulativos, o método judaico é baseado na experiência vivida da revelação divina, que acontece na história e na vida cotidiana.

A revelação é um diálogo entre Deus e o ser humano, e no judaísmo isso se manifesta em práticas e rituais que refletem essa relação pessoal. Essa dinâmica relacional é também uma crítica ao método filosófico que busca a verdade por meio de sistemas universais e impessoais. Para Rosenzweig, o judaísmo mantém uma conexão direta com o mistério e a transcendência de Deus através de um compromisso concreto com a vida e a comunidade.

O judaísmo como uma tradição não vive, portanto, na expectativa da redenção futura – como no cristianismo, que se orienta mais pelo tempo linear e escatológico –, mas no tempo presente, na santificação contínua da vida cotidiana. Há, contudo, as esperanças messiânicas do povo de Israel na vinda do Messias.² O conceito de eternidade no judaísmo é experienciado a cada momento, especialmente por meio das práticas religiosas e da observância da Lei. As festas judaicas, por exemplo, são uma forma de “eternizar” o tempo, conectando o presente com eventos passados significativos, como o Êxodo, e mantendo a comunidade em um estado de preparação constante para a redenção.

2 Rosenzweig percebe a Redenção não como um evento escatológico final, mas como uma realidade que se manifesta de forma contínua na vida diária, especialmente na tradição judaica e em seu compromisso com a lei divina (a Torá) e a vida comunitária. Ele não vê o cristianismo como um rival do judaísmo, mas como uma tradição com uma missão e um papel diferentes no projeto divino de Redenção. A Redenção no judaísmo não é projetada para o futuro nem para além do presente, mas é um estado contínuo que se manifesta na vida ética e no relacionamento com Deus. Nesse sentido, o judaísmo mantém uma existência distinta, centrada e já redimida, enquanto o cristianismo seria a religião do caminho, pois opera como uma força missionária em movimento, que busca redimir o mundo através do tempo e da história.

Conclusão

A importância da obra de Franz Rosenzweig pode ser avaliada como um exemplo de radical quebra de paradigma que ela representa no pensamento filosófico ocidental, por trazer a influência do método judaico de pensamento para o âmbito filosófico/teológico. O cristianismo é considerado por ele como uma religião do tempo, pois opera em um movimento de expansão na história e tem uma perspectiva escatológica, enquanto o judaísmo seria a religião da eternidade, pois a redenção é vivida no presente contínuo e não projetada para o futuro. Segundo o filósofo, toda a história da filosofia é caracterizada pela tendência totalizante, marcada pela busca do fundamento ontológico do real. Sua perspectiva, contudo, não está no ser, mas no movimento eterno do tornar-se com o outro.

Ele propõe uma ética que surge a partir do encontro entre o ser humano, Deus e o mundo, baseada na relação interpessoal e na responsabilidade para com o outro. Rosenzweig critica o idealismo e sistemas filosóficos como o hegelianismo, que ele vê como reducionistas por tentarem explicar toda a realidade por meio de conceitos totalizantes. Para ele, o ser humano é um ser existencialmente finito, e a experiência da vida, da morte e do relacionamento com Deus não pode ser capturada por uma racionalidade abstrata. Portanto, a ética deve se basear no reconhecimento da finitude e da singularidade humana.

Para Rosenzweig, a ética é inseparável da experiência religiosa, particularmente do relacionamento entre o homem e Deus no judaísmo e no cristianismo. Ele vê a lei judaica como um caminho ético que surge do relacionamento com Deus. Ao contrário de um código ético puramente racional, essa lei é uma forma viva de expressão do compromisso com o divino, que orienta a ação humana no mundo.

Referências

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1983.

HENRIQUES, M.C. *Franz Rosenzweig e o pensamento dialógico*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

PERIUS, Oneide. A multiplicidade originária: uma leitura da filosofia de Franz Rosenzweig. *Revista Trans/Form/Ação*, v. 43, n. 4, p. 255-270, 2020.

PRASERES, J. O conceito de revelação na filosofia de Franz Rosenzweig. *Revista Diaphonía*, v. 10, n. 2, p. 164-177, 2024.